

Primeiro registro da utilização medicinal de recursos pesqueiros na cidade de São Félix, Estado da Bahia, Brasil

Juliana Nascimento Andrade¹ e Eraldo Medeiros Costa Neto^{2*}

¹Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb). ²Departamento de Ciências Biológicas, Universidade Estadual de Feira de Santana, Km 03, BR 116, 44031-460 Feira de Santana, Bahia, Brazil. *Autor para correspondência. e-mail: eraldont@uefs.br

RESUMO. Este trabalho discute a utilização medicinal de recursos pesqueiros pelos moradores da cidade de São Félix, Estado da Bahia. O trabalho de campo foi realizado entre maio de 2004 a março de 2005, entrevistando-se 29 indivíduos de ambos os sexos com idades que variaram de 11 a 79 anos. As informações foram obtidas junto a pescadores e a suas famílias por meio de entrevistas abertas e semi-estruturadas. A maior parte das entrevistas foi gravada, usando-se micro-gravador, sempre com o consentimento dos informantes. As transcrições feitas em caderno de campo encontram-se mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, Estado da Bahia. Espécimes de peixes foram coletados, identificados e depositados no Laboratório de Ictiologia da UEFS. Os resultados mostram que, no sistema de classificação etnoictiológico dos pescadores de São Félix, diferentes organismos não sistematicamente relacionados são incluídos no domínio etnozoológico “Peixe”. Por essa razão, sete etnoespécies de peixes foram citadas como recursos medicinais: bagre (*Genidens genidens*), camarão (*Macrobrachium* sp.), cambotá (*Callichthys* sp.), piau (*Leporinus* sp.), piranha (*Serrasalmus branditi*), peixe-boi (*Trichechus* sp.) e traíra (*Hoplias malabaricus*). Esses animais fornecem matérias-primas que são utilizadas na elaboração de medicamentos que visam tratar e/ou curar enfermidades diagnosticadas localmente. O registro escrito da medicina tradicional implica conservação da cultural local, além de permitir que os recursos zoterapêuticos possam ser avaliados quanto à provável existência de compostos biologicamente ativos.

Palavras-chave: zooterapia, recursos pesqueiros, medicina popular, etnoictiologia.

ABSTRACT. First account on the use of fishing resources as medicines in the city of São Félix, Bahia State, Brazil. This article deals with the medicinal use of fishing resources by the inhabitants of São Félix, Bahia State. Fieldwork was carried out from May 2004 to March 2005 by interviewing 29 individuals of both sexes, whose ages ranged from 11 to 79 years old. Data were obtained by means of open-ended interviews performed with fishermen and their families. Most of the interviews were tape-recorded whenever informants have allowed. Transcriptions were done in a field notebook, which is kept at the Laboratory of Ethnobiology of the Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Fish specimens were collected, identified and deposited at the Laboratory of Ichthyology of the UEFS. Results show that, in the ethnoichthyological classification system of São Félix fishermen, not systematically related organisms are included in the “Fish” ethnozoolological dominium. Thus, seven “fish” ethnospecies used as medicinal resources were recorded: Guri sea catfish (*Genidens genidens*), shrimp (*Macrobrachium* sp.), armored catfish (*Callichthys* sp.), leporinus (*Leporinus* sp.), piranha (*Serrasalmus branditi*), manatee (*Trichechus* sp.), and trahira (*Hoplias malabaricus*). These animals provide raw materials that are used to elaborate medicaments to treat and/or heal locally diagnosed illnesses. The written record of the traditional medicine implies in the conservation of the local culture, and allows that the zotherapeutic resources might be evaluated in relation to the probable existence of biologically active compounds.

Key words: zotherapy, fishing resources, folk medicine, ethnoichthyology.

Introdução

A etnoictiologia pode ser definida como o estudo científico das relações culturais estabelecidas entre a

espécie humana e os peixes (Costa Neto, 2001). Dependendo da sociedade, da época e do local, as interações dos seres humanos com os peixes podem se apresentar de diversas maneiras, tais como: lúdica,

quando os indivíduos se divertem assistindo a brigas de peixes-siameses ou betas (*Betta splendens*); trófica, quando os peixes fazem parte da alimentação; medicinal, quando partes corporais ou produtos extraídos dos peixes são empregados como remédio; sexual, quando o homem se serve de peixes para obtenção de prazer carnal, a exemplo do coito praticado pelos pescadores do Nordeste do Brasil com as arraias; religioso, quando esses animais são empregados com conotação sagrada; comercial; laboratorial; artesanal; estético-ornamental, entre outros (Costa Neto, comunicação pessoal, 2005).

A utilização de peixes como fontes de substâncias de interesse medicinal é um fenômeno historicamente antigo e geograficamente disseminado. Na Bíblia, existe uma única passagem do Anjo Rafael ensinando Tobias a preparar um remédio baseado em ictioterápico: “Disse-lhe o Anjo: ‘Abre o peixe, tira-lhe o fel, o coração e o fígado. Guarda-os contigo e joga fora as entranhas. O fel, o coração e o fígado são remédios úteis’” (Costa Neto, 1999a). Colocar peixes vivos sob as solas dos pés de pacientes sofrendo de icterícia ou doença semelhante já era citado por Morpurgo em seu livro *Responsa*, publicado em Veneza, em 1743 (Rosner, 1992).

As práticas tradicionais de cura envolvendo recursos pesqueiros vêm sendo transmitidas de geração a geração, geralmente pela linguagem oral (Costa Neto, 1999a). O emprego de recursos ícticos nos sistemas médicos tradicionais tem sido documentado em diferentes localidades. Por exemplo, Branch e Silva (1983) citam seis espécies de peixes utilizadas na medicina tradicional amazônica. Begossi e Braga (1992) estudaram os tabus alimentares e a relação dos peixes com a medicina popular entre pescadores do Rio Tocantins. Marques (1995) registrou o uso de oito espécies pelos moradores da Várzea da Marituba, no baixo São Francisco alagoano. Costa Neto (1998) registrou o uso de 24 espécies no município de Conde, Bahia. No Centro de Abastecimento de Feira de Santana, esse autor documentou o comércio de *Hippocampus reidi*, *Electrophorus electricus*, *Spherooides testudineus* e *Hoplias malabaricus* para fins terapêuticos (Costa Neto, 1999b). Fernandes-Pinto (2000) encontrou o emprego de 27 espécies de peixes na comunidade de Barra do Superagüi, em Guaraqueçaba, Paraná. Souto *et al.* (2001) fizeram o registro da utilização de cinco espécies entre moradores do município de Andaraí, Chapada Diamantina.

Além do uso de partes corpóreas e matérias produzidas pelos peixes (por exemplo, muco), ocorre, ainda, o emprego direto e indireto de

espécies vivas. No uso direto, peixes são utilizados como “cirurgiões” no tratamento de certas afecções. Por exemplo, *Cyprinion macrostomus macrostomus* e *Garra rufa obtuse* são espécies adaptadas para viver em águas termais. No Spa Kangal, na Turquia, esses peixes são aplicados com finalidades terapêuticas (Cohen, 2000). Esse autor confirma que, na região de Trivandrum, no estado indiano de Kerala, os indivíduos com infecções dermatológicas, infestações e feridas banham o membro afetado no lago com o intuito de que peixes (*Macropodus cupanus*) se aproximem da lesão e mordisquem-na, removendo, assim, o tecido enfermo. Em relação ao uso indireto, peixes de aquário, além de decorarem o ambiente, acalmam quem os contempla (Becker, 2003).

Estima-se que 40% dos medicamentos disponíveis na terapêutica moderna tenham sido desenvolvidos a partir de fontes naturais: 25% de plantas, 13% de microrganismos e 3% de animais (Calixto, 2000). No que se refere aos peixes, vários compostos extraídos foram e estão sendo empregados como remédios na prática médica oficial (Costa Neto, 1999a). Um exemplo de um composto produzido por organismos marinhos é a tetrodotoxina, um composto solúvel em água que é encontrado no fígado e nos órgãos reprodutores de baiacus (Bisset, 1991). Quando diluída, a tetrodotoxina atua como um extraordinário narcótico e analgésico. Colwell (1997), avaliando o uso médico dessa substância, diz que “a tetrodotoxina é um analgésico muito poderoso. No Japão, ele é usado para tratar dores em lepra neurogênica e câncer”.

Na cidade de São Félix, região do Recôncavo Baiano, a pesca doméstica (ou artesanal) geralmente é realizada próxima às residências da comunidade ribeirinha, sendo, muitas vezes, praticada por todos os membros da família, inclusive para crianças. Essas herdaram a habilidade e o conhecimento para a prática pesqueira. Considerando-se que o uso de recursos pesqueiros como fontes de medicamentos já foi registrado em outras comunidades do estado da Bahia, o presente estudo tem como objetivo conhecer e registrar quais recursos pesqueiros são utilizados na medicina popular dos moradores de São Félix.

Material e métodos

O trabalho de campo foi desenvolvido com famílias de pescadores residentes na cidade de São Félix, que está situada na zona fisiográfica do Recôncavo pertencente à bacia hidrográfica do rio Paraguaçu, nas coordenadas 12°36'56" latitude Sul e 38°57'55" longitude Oeste.

O clima da região é quente e úmido. A temperatura máxima é de 36°C e a mínima de 23°C, enquanto que a média está em torno de 28°C. A ocorrência de chuvas é mais intensa de maio a junho e as trovoadas de novembro a dezembro (Centro de Estatística e Informações, 1994).

Foram realizadas dez excursões entre maio de 2004 a março de 2005, entrevistando-se 18 homens e 11 mulheres com idades que variaram de 11 a 79 anos. Os entrevistados são moradores da Rua Varre Estrada, que se localiza na entrada da cidade, no sentido da BR 101. As informações foram obtidas junto a pescadores e a suas famílias por meio de entrevistas abertas e semi-estruturadas (Sturtevant, 1964), registrando-se dados sobre: origem das partes corporais e/ou produtos medicinalmente úteis, condições de preparo e modos de administração dos remédios à base de recursos pesqueiros, enfermidades diagnosticadas localmente. Os objetivos da pesquisa eram explicados de maneira clara no início de cada nova entrevista, perguntando-se aos moradores se consentiam em prestar informações e serem eventualmente fotografados. Poucos foram os casos em que o entrevistado não quis participar. O uso de micro-gravador foi encorajado para que os pesquisadores pudessem manter contato visual com os entrevistados. A maior parte das entrevistas, portanto, foi gravada, e as transcrições repassadas ao caderno de campo encontram-se mantidas no Laboratório de Etnobiologia da Universidade Estadual de Feira de Santana, Estado da Bahia.

Foram coletadas 15 etnoespécies de peixes e três de crustáceos. Esses recursos pesqueiros foram obtidos e doados pelos próprios entrevistados, que pescaram os animais no rio Paraguaçu e os mantiveram congelados ou em recipientes de plástico contendo formaldeído a 10%. Posteriormente, para identificação taxonômica, eles foram levados ao Laboratório de Ictiologia da UEFS, onde estão depositados e permanecem como material de referência.

Os dados foram analisados segundo o modelo de união das diversas competências individuais (Marques, 1991). Os controles foram feitos por meio de testes de verificação de consistência e de validade das respostas, recorrendo-se a entrevistas repetidas em

situações sincrônicas e diacrônicas. As primeiras ocorrem quando uma mesma pergunta é feita a pessoas diferentes em tempo bastante próximo e as segundas, quando uma pergunta é repetida à mesma pessoa em tempos bem distintos.

Resultados

Dos 43 tipos de “peixes” citados pelos entrevistados, sete têm importância na medicina tradicional: bagre, camarão, cambotá, peixe-boi, piau, piranha e traíra (Tabela 1). Vê-se, nessa lista, a inclusão de dois organismos que não estão sistematicamente relacionados com o táxon Osteichthyes. No entanto, no sistema de classificação etnoictiológico dos moradores de São Félix, crustáceos, como siris e camarões, e mamíferos, como peixe-boi, também são considerados “peixes”. Esses animais são utilizados integralmente ou apenas algumas de umas partes, como banha, olho, “cabelo” e “bucha”. A aplicação do zoterápico varia de acordo com a natureza da enfermidade, do objetivo de uso e dos ingredientes utilizados. Os modos de preparo e de administração dos remédios à base de “peixes” encontram-se descritos na Tabela 1.

Quando os pescadores se acidentam com o “esporão” do bagre (*Genidens genidens*), eles retiram a gosma do olho desse peixe e a esfregam no local afetado. Tal prática é evidenciada no seguinte trecho de entrevista: A pessoa que fura o olho e bota aquela gosma do olho no lugar que furou. Aí a pessoa fica boa (D., 54 anos). Aparentemente, os pescadores de São Félix recorrem a essa profilaxia local quando se ferem acidentalmente com diferentes peixes e não apenas com ariúdeos, uma vez que foi registrado que quando você se fere com um peixe, você arranca o olho dele e coloca no lugar pra evitar que inflame (D., 54 anos). Esse entrevistado já admitiu ter feito uso desse “remédio” e realmente não inflamou. De acordo com os entrevistados, a inflamação proveniente do “esporão” do bagre ocorre porque ele é considerado “remoso” por ser categorizado como peixe de couro. Segundo os informantes, um peixe é considerado “remoso” quando pode causar algum mal para quem está doente.

Tabela 1. Recursos pesqueiros utilizados como fontes de medicamentos no município de São Félix, Estado da Bahia.

Etnoespécie	Pista Taxonômica	Parte usada	Finalidade terapêutica
Bagre	<i>Genidens genidens</i>	Olho	Furar o olho do bagre e colocar a gosma no lugar lesado por seu esporão para desinflamar o local.
Camarão	<i>Macrobrachium</i> sp.	Integral, “cabelo”	Pegar o “cabelo” ou o camarão todo, colocar na cachaça e dar para a pessoa que bebe muito. Assim, ela vai enjoar da bebida. Não se pode falar para a pessoa do que se trata. Caso isso aconteça, não fará o efeito desejado.
Cambotá	<i>Callichthys</i> sp.	Integral	Cuspir na boca do cambotá e soltá-lo vivo para curar asma e tuberculose.
Peixe-boi	<i>Trichechus</i> sp.	Banha	Passar a banha em machucados e para tratar doença dos ossos.
Piau	<i>Leporinus</i> sp.	Integral	Cuspir na boca do piau e soltá-lo vivo para curar diabete, câncer e cansaço.
Piranha	<i>Serrasalmus branditi</i>	Caldo	Fazer um caldo da piranha e tomar para tratar impotência masculina.
Traíra	<i>Hoplias malabaricus</i>	Bucha	Pegar o bucho da traíra, colocar na cachaça e dar a quem sofre de alcoolismo. A pessoa vai enjoar e parar de beber.

A traíra (*Hoplias malabaricus*) e o camarão (*Macrobrachium* sp.) são indicados para tratar indivíduos que têm o vício do alcoolismo. O “bucha” (entranhas) da traíra e o “cabelo” (antenas) do camarão são colocados na bebida (cachaça) que o viciado irá beber. Dessa maneira: *Ele vai enguiar e vai enjoar da bebida e, assim, vai parar de beber* (M., 59 anos). Às vezes, ao invés do “cabelo”, colocam-se até três camarões vivos dentro da garrafa, deixando-se aí por três dias. Depois, cõa-se e dá-se para a pessoa beber. Foi enfatizado, no entanto, que o indivíduo não pode saber sobre a mistura que foi realizada, pois, caso isso aconteça não fará o efeito desejado que é o de deixar de beber. Um dos entrevistados disse que já testemunhou duas pessoas deixarem o vício a partir desse procedimento.

A função terapêutica atribuída à piranha (*Serrasalmus branditi*) deve-se ao seu caldo, que é usado para tratar a “impotência dos homens”. Já o cambotá (*Callichthys* sp.) foi indicado para tratar asma e tuberculose, como demonstra o seguinte depoimento: *Abre a boca dele, cospe, escarra na boca, costura a boca e solta na água corrente pra poder ficar bom. Quando o peixe morre, aí a pessoa tá curada. O peixe morre porque costura a boca e não tem condições dele comer mais* (D., 54 anos). O piaú (*Leporinus* sp.) é recomendado para tratar diabetes, câncer e cansaço, sendo utilizado de maneira semelhante ao cambotá: *Cospe na boca dele e solta. Aí a pessoa fica boa* (R., 13 anos).

A banha do peixe-boi (*Trichechus* sp.) é recomendada para tratar “doença de ossos” e para fazer massagens em machucados. Esse medicamento foi considerado como um “bom” recurso zoterápico.

Além de usarem peixes na medicina popular, os pescadores também os empregam na forma de simpatias, como se observa nos depoimentos a seguir:

Meu avô dizia que sempre que a gente tratar um peixe pra comer, aí tirar a espinha pra guardá-la. Pra que isso, eu não sei. [...] Ele não falava por quê. Ele morreu e não falou. Ele era rezador (T., 12 anos).

O pai do meu padrasto era pescador e falava que quando a gente fosse pegar peixe, o primeiro que pegasse separava dos outros, tirava a espinha, jogava junto com a brasa e incensava a linha usada para pescar. Isso era para pegar mais peixes (T., 12 anos).

Das sete etnoespécies de peixes citadas como recursos medicinais, bagre, piranha, cambotá, piaú e traíra têm seu consumo evitado devido a restrições alimentares. Os dois primeiros porque são tidos como “remeros”; o cambotá, devido ao uso medicina: *Muita gente não come o cambotá por causa*

disso, porque cuspiram na boca dele, com medo de pegar o mal dele também. (P., 79 anos); o piaú, pelo seu hábito alimentar: [...] *ele também não presta pra comer não porque ele é um peixe que come carniça e que demora sete dias fora d'água.* (A., 13 anos) E a traíra, pela quantidade de espinhas que ela possui: *A traíra é um peixe muito perigoso. Pode furar a escama dele ou a espinha que é muito fina.* (D., 12 anos). De acordo com os entrevistados, a presença do couro é característica determinante para que se evite o consumo de algumas espécies para determinada parcela da população: pessoas doentes, pessoas que sofreram intervenção cirúrgica e mulheres parturientes e lactantes.

Discussão

A utilização medicinal de recursos pesqueiros na cidade de São Félix corrobora a hipótese da universalidade zoterápica, segundo a qual toda comunidade humana que apresenta um sistema médico utiliza animais como fontes de medicamentos (Marques, 1994). Os conhecimentos sobre zooterapia são passados de geração a geração, notadamente pela oralidade. Às vezes, porém, tal informação não é transmitida, extinguindo-se quando seu detentor morre. Isso fica bem evidente no seguinte trecho: *Ele morreu e não falou. Ele era rezador* (T., 12 anos).

No Brasil, a prática de recorrer a um peixe vivo com finalidade terapêutica está documentada desde a época colonial. Piso (1957), médico seiscentista que acompanhou Maurício de Nassau, já dizia que o doente de bronquite devia cuspir na boca de um peixe, deixando-o seguir vivo água abaixo. Magalhães (1966, p.245), ao registrar as práticas zoterápicas populares no Estado do Ceará, registrou o seguinte: “Em Mucuripe, disse-me um pescador que só se é tuberculoso quando se quer. Basta cuspir na boca de um peixe e soltá-lo na água imediatamente”. Branch e Silva (1983) descreveram, para a região do Pará, o ato de cuspir na boca de um eritrínideo para a mesma finalidade que a encontrada em São Félix. Begossi e Braga (1992) registraram que, no rio Tocantins, moradores cospem na boca de um ciclídeo, visando obter a cura da tuberculose. Na comunidade pesqueira de Siribinha, litoral norte do Estado da Bahia, deve-se cuspir três vezes na boca de um caboge (*Callichthys* cf. *callichthys*) e soltá-lo vivo para a cura da asma e, para o tratamento de hérnia umbilical, recomenda-se seu consumo (Costa Neto, 2001).

Em relação ao emprego do conteúdo ocular de peixes, Salles (1986, *apud* Nomura, 1996), diz: Mas, se com o seu nervosismo, seus rins se recusarem a

funcionar (uma vez que se recomenda urinar no local atingido pelo esporão), tire um olho desse peixe (referindo-se ao peixe que causou o acidente), com o anzol, coloque-o sobre o lugar machucado que logo também a dor irá passar. Mais recentemente, Costa Neto (2001) registrou que, na comunidade de Siribinha, os pescadores devem retirar a “goga do olho” ou o “miolo da cabeça” do niquim (*Thalassophryne nattereri*) imediatamente após o contato com o acúleo desse peixe e passá-lo no local afetado para se verem livres das dores e de outras complicações. O mesmo procedimento é feito quando ocorrem acidentes com os bagres (ariídeos) e com o capado (*Balistes vetula*).

Sobre o uso medicinal de *H. malabaricus*, Costa Neto *et al.* (2002), investigando a etnoictiologia dos pescadores de Barra, na região do médio rio São Francisco (Bahia), registraram que a “baba” desse Erythrinidae, adicionada à cachaça, é indicada para tratar casos de alcoolismo; sua banha é recomendada para tratar dores de ouvido, feridas, avilide (espécie de névoa esbranquiçada sobre a córnea) e torção. Essa mesma espécie de traíra é utilizada para diversas finalidades pelos pescadores de Siribinha: a banha, torrada, é usada para tratar dor de dente, puxado, hemorragias, ferimentos e furúnculos; quando crua, é recomendada como antídoto contra picada de cobra, além de ser usada topicamente em casos de conjuntivite (Costa Neto, 2001). Já entre os moradores da Várzea da Marituba, a banha desse peixe é indicada em casos de edemas, reumatismos, conjuntivite, leucoma e surdez; as escamas servem para derrame, enquanto o consumo de sua carne, assada sem sal, trata asma em crianças (Marques, 1995). Esse autor também cita o consumo de *Erythrinus* cf. *erythrinus* para asma (afecção das vias respiratórias).

Sales (1991) receita, contra a embriaguez, a ingestão de um preparado alcoólico feito usando-se três lambaris colocados em uma garrafa de cachaça. Em Conde, os pescadores preparam uma garrafada utilizando piabas-mirins (*Astyanax* cf. *bimaculatus*) também como remédio contra o vício do alcoolismo (Costa Neto, 2001).

Em relação ao uso da banha do peixe-boi, a mesma recomendação foi encontrada na literatura: recomenda-se empregá-la em casos de reumatismos, picadas de insetos e pancadas (Costa Neto, 1999a). Trata-se de recurso zoterápico alóctone (Costa Neto, 2004), ou seja, é um animal exógeno à fauna baiana. Como o peixe-boi é uma espécie rara e ameaçada de extinção, é provável que os usuários de produtos medicinais à base desse animal estejam adquirindo e utilizando banhas de outros animais,

como a de galinha (Costa Neto, 1999a). Exemplos de falsificações zoterápicas são registrados na literatura (Marques, 1997).

Sobre a restrição no consumo de determinados peixes, observa-se que aqueles considerados remosos ou carregados podem engrossar o sangue e exacerbar alguns problemas de saúde dos consumidores (Madi e Begossi, 1996). De acordo com Santos (1987), os peixes de couro são assim chamados por serem desprovidos de escamas, sendo que alguns apresentam o corpo em parte ou totalmente revestido de escudos ósseos e todos apresentam barbilhões, quase sempre bem desenvolvidos e possuem, também, uma nadadeira adiposa, membranosa e sem raios. Begossi e Braga (1992) afirmam que os peixes considerados importantes como recursos medicinais podem ser interditados como alimento para estarem disponíveis como remédios em caso de necessidade (hipótese da farmácia). Melo *et al.* (1999) confirmaram que o peixe é um dos itens alimentares menos consumidos pelas gestantes e mulheres em fase de amamentação no Norte do país. No município do Conde, estado da Bahia, foram registradas 18 etnoespécies de peixes consideradas “carregadas” (Costa Neto, 1998). Esses itens alimentares são principalmente evitados por pessoas enfermas ou que apresentam ferimentos no corpo, assim como por aquelas que se recuperam de cirurgias e por mulheres “paridas”, que são proibidas de consumir esses e outros alimentos considerados carregados ou remosos.

Embora estudos sobre a utilização de animais como fontes de medicamentos ainda sejam percentualmente incipientes, deve-se destacar sua pertinência. Finkl (1984) refere-se às espécies *Eptatretus stoutii*, *Dasyatis sabina* e *Taricha* sp. como fontes de estimulantes cardíacos, antitumorais e analgésicos, respectivamente. Constituintes inorgânicos das vértebras de peixes têm sido usados como materiais artificiais biologicamente ativos em uma ampla variedade de remédios: osso artificial, raízes de dentes artificiais etc. (Hamada e Nagai, 1995). Do fígado do tubarão e da arraia, extrai-se o óleo ômega-3, capaz de controlar a arterosclerose e reduzir a pressão arterial. Ele também é indicado para o tratamento de asma e de enxaqueca (Adeodato, 1997). A presença de um sistema anticoagulante no plasma do salmão do Atlântico (*Salmo salar*) e da truta arco-íris (*Ancorhynchus mykiss*) foi confirmada, e este mostrando similaridades com a proteína C do sistema anticoagulante de mamíferos, cujo valor médico poderá ser de grande utilidade no futuro (Salte *et al.*, 1996). Estudos clínicos e farmacológicos desenvolvidos em

camundongos com extratos alcoólicos de *Hippocampus* levaram a um aumento de peso do útero e dos ovários, além de alongar o período de estrogênio em fêmeas. Nos machos, causaram um aumento de volume da próstata e dos testículos e uma prolongação do tempo de ereção (Botsaris, 1995).

Conclusão

O registro de animais medicinais na comunidade pesqueira de São Félix reforça a hipótese da universalidade zooterápica, além de chamar atenção para um fenômeno culturalmente significativo.

A utilização de remédios à base de animais por populações tradicionais, indígenas e/ou de baixa renda traduz-se por um saber empírico que, necessariamente, não está destituído de fundamentos científicos. Se adequadamente estudado, esse conhecimento abriria perspectivas para a descoberta de novas fontes de remédios para o bem-estar humano. A exploração de recursos animais para fins medicinais, no entanto, deve ser assunto de pauta em discussões sobre biologia da conservação, saúde pública, manejo sustentável de recursos naturais, prospecção biológica e lei de patentes.

O registro da utilização medicinal de recursos pesqueiros tem implicações na conservação da cultura local, além de permitir que os recursos zooterapêuticos possam ser testados quanto à provável existência de compostos biologicamente ativos.

Agradecimentos

A todos os entrevistados, pela ajuda durante a coleta de dados. Ao Prof. Dr. Alexandre Clistenes e ao biólogo Marconi Porto Senna, lotados no Laboratório de Ictiologia da UEFS, pela identificação taxonômica dos espécimes de peixes coletados. À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), pela bolsa de Iniciação Científica concedida ao primeiro autor. Agradecemos, ainda, aos avaliadores anônimos, pelas contribuições ao artigo.

Referências

ADEODATO, S. Os santos remédios do mar. *Globo Ciência*, Rio de Janeiro, abr. 1997, p. 20-25.
 BECKER, M. *O poder curativo dos bichos: como aproveitar a incrível capacidade dos bichos de manter as pessoas felizes e saudáveis*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
 BEGOSSI A.; BRAGA F.M.S. Food taboos and folk medicine among fishermen from the Tocantins River

(Brazil). *Amazoniana*, Kiel, v. 12, p. 101-118, 1992.
 BISSET, N.G. One man's poison, another man's medicine. *J. Ethnopharm.*, Leiden, v. 32, p. 71-81, 1991.
 BOTSARIS, A.S. *Fitoterapia chinesa e plantas brasileiras*. São Paulo: Editora Ícone, 1995.
 BRANCH, L.C.; SILVA, M.F. Folk medicine in Alter do Chão, Pará, Brazil. *Acta Amazônica*, Manaus, v. 13, p. 737-797, 1983.
 CALIXTO, J.B. Biopirataria. *Ciência Hoje*, Rio de Janeiro, v. 28, n. 167, p. 36-43, 2000.
 CENTRO DE ESTATÍSTICA E INFORMAÇÕES. *Informações básicas dos municípios baianos: recôncavo sul*. Salvador: Governo do Estado, 1994. p. 543-563.
 COHEN, J. Feeding the fish. *Brit. Med. J.*, London, n. 320, p. 81, 2000.
 COLWELL, R.R. Microbial biodiversity and biotechnology. In: REAKA-KUDLA, M.L et al. (Ed.). *Biodiversity II: understanding and protecting our biological resources*. Washington, DC: Joseph Henry Press, 1997. p. 77-98.
 COSTA NETO, E.M. *Etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade no litoral norte baiano: Um estudo de caso entre os pescadores do município do Conde*. 1998. Dissertação (Mestrado)-Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1998.
 COSTA NETO, E.M. "Barata é um santo remédio": introdução à zooterapia popular no estado da Bahia. Feira de Santana: UEFS, 1999a.
 COSTA NETO, E.M. Healing with animals in Feira de Santana city, Bahia, Brazil. *J. Ethnopharm.*, Leiden, v.65, p.225-230, 1999b.
 COSTA NETO, E.M. *A cultura pesqueira do litoral norte da Bahia: etnoictiologia, desenvolvimento e sustentabilidade*. Salvador: Edufba; Maceió: Edufal, 2001.
 COSTA NETO, E.M. Implications and applications of the folk zootherapy in the state of Bahia, Northeastern Brazil. *Sustainable Development*, London, v. 12, n. 4, p. 161-174, 2004.
 COSTA NETO, E.M. et al. O conhecimento ictiológico tradicional dos pescadores da cidade de Barra, região do médio rio São Francisco, estado da Bahia, Brasil. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 24, n. 2, p. 561-572, 2002.
 FERNANDES-PINTO, E. Recursos pesqueiros utilizados na medicina popular pela comunidade de barra do Superagüi-Guaraqueçaba. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE ETNOBIOLOGIA, 3., 2000, Piracicaba. *Resumos...* Piracicaba: Esalq-USP, 2000. CD-ROM (D:/Etnomedicina/Érika Fernandes II-htm).
 FINKL, C.W. Os medicamentos do mar. In: COUSTEAU, J.Y. (Ed.). *Enciclopédia dos mares*, vol. 1. Rio de Janeiro: Salvat, 1984. p. 74-75.
 HAMADA, M.; NAGAI, T. Inorganic components of fish and their advanced utilization. *J. Shim. Univ. Fish.*, Shimonoseki, v. 43, n. 4, p. 185-194, 1995.
 MADI, E.F.; BEGOSSI, A. Uso do pescado pelas famílias/moradoras da Rua Porto, Piracicaba (SP). In: SIMPÓSIO DE ETNOBIOLOGIA E

- ETNOECOLOGIA, 1., 1996, Feira de Santana. *Resumos...* Feira de Santana: UEFS, 1996. p. 23.
- MAGALHÃES, J. *Medicina folclórica*. Fortaleza: Imprensa Universitária do Ceará, 1966.
- MARQUES, J.G.W. *Aspectos ecológicos na ictiologia dos pescadores do Complexo Estuarino-Lagunar Mundaú-Manguaba*. 1991. Tese (Doutorado)–Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.
- MARQUES, J.G.W. A fauna medicinal dos índios Kuna de San Blás (Panamá) e a hipótese da universalidade zooterápica. In: REUNIÃO ANUAL DA SOCIEDADE BRASILEIRA PARA O PROGRESSO DA CIÊNCIA, 46., 1994, Vitória. *Anais...* Vitória: UFES, 1994. p. 304.
- MARQUES, J.G.W. *Etnoictiologia: pescando pescadores nas águas da transdisciplinaridade*. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ICTIOLOGIA, 11., 1995, Campinas. *Resumos...* Campinas: Sociedade Brasileira de Ictiologia, 1995. p. 1-41.
- MARQUES, J.G.W. Fauna medicinal: recurso do ambiente ou ameaça à biodiversidade? *Mutum*, Maceió, v. 1, n. 1, p. 4, 1997.
- MELO, S.S. *et al.* Desejos, aversões e crenças alimentares e suas influências sobre o estado nutricional de gestantes. *Alcance*, Itajaí, v. 4, p. 5-61, 1999.
- NOMURA, H. *Usos, crenças e lendas sobre peixes*. Mossoró: Fundação Vingt-Um Rosado. Coleção Mossoroense, série C, v. 882, 1996.
- PISO, G. *História natural e médica da Índia Ocidental - 1658*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.
- ROSNER, F. Pigeons as a remedy (*segulah*) for jaundice. *New York State Journal of Medicine*, New York, v. 92, n. 5, p. 189-192, 1992.
- SALES, N.R. 1991. *Simpatias e segredos populares*. Rio de Janeiro: Pallas, 1991.
- SALTE, R. *et al.* Evidence of a protein c-like anticoagulant system in bony fish. *Thrombosis Research*, London, v. 83, n. 5, p. 389-397, 1996.
- SANTOS, E. *Peixes de água doce: vida e costumes dos peixes do Brasil*. 4. Belo Horizonte: Itatiaia: 1987.
- SOUTO, F.J.B. *et al.* Uma abordagem etnoecológica sobre a zooterapia na medicina popular em Andaraí, Chapada Diamantina, Bahia. In: COSTA NETO, E.M.; SOUTO, F.J.B. (Org.). ENCONTRO BAIANO DE ETNOBIOLOGIA E ETNOECOLOGIA, 1., 1999, Feira de Santana. *Anais...* Feira de Santana: UEFS, 2001. p. 181-190.
- STURTEVANT, W.C. Studies in ethnoscience. *Am. Anthropol.*, Washington, DC, v. 66, n. 3, p. 99-131, 1964.

Received on January 24, 2005.

Accepted on May 27, 2005.